

AVENÇA



Visado pelo  
Comissão de Censura

# Gaiato



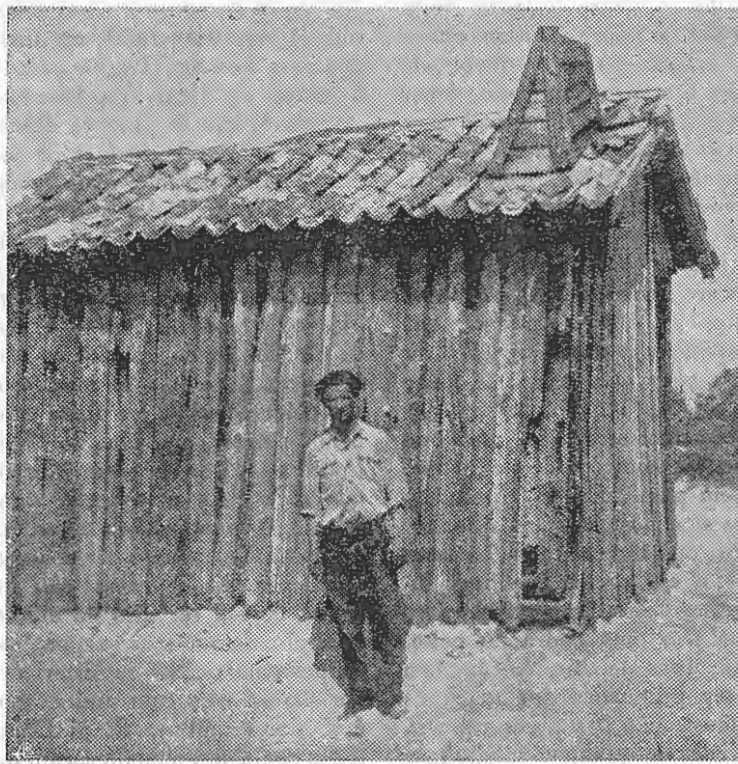
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano 12.º—N.º 313—Preço 1\$00

## O nosso Jornal

O Júlio acaba de me trazer aqui os dizeres da Circular para nova campanha. Diz ele que é preciso espreitar, senão pode acontecer que a luz se apague e o rapaz não queira. Com isto de cobranças em que Avelino anda ocupado, a tiragem tem diminuído porque muitos há que se aborrecem. Ora nós vamos por gente fresca. Procurar leitores onde quer que os haja. Rendar fileiras. Chamar.

Que não tivesse outro mérito esta circular e mesmo que não venha a ser eficaz, ninguém lhe pode roubar ou discutir o valor de ter sido concebida por um rapaz da Casa do Gaiato. Este mesmo Júlio falando-me há tempos dele e de mais dois companheiros do seu escritório, disse-me: *olhe que nós somos sacerdotes da Tipografia*. Eu desandei a ruminar naquelas palavras. Elas são verdadeiras. Conheço de perto o zelo deste e dos outros dois a quem ele se referia. Fiquei contente. Muito contente. Estou cheio de razão. Muitas vezes tenho pedido aos meus padres e até quando morrer o deixo por escrito; que se não metam nem se façam administradores de bens ou negócios materiais, antes tenham o cuidado e a paciência de formar o rapaz qualificado para aquela missão. Será raro, mas aparece. Já os temos na obra: *nós somos sacerdotes da Tipografia*. Deus suscitará outros quando e onde for preciso. Os padres da rua não. A missão deles é outra. A alma é mais do que o corpo.



Mais Gala. As «casas» dos pescadores.

## Património dos Pobres

A entrega de casas em Leiria tomou ares de um verdadeiro acontecimento. A Calçada do Bravo ao cimo da qual elas são, era um mundo: carros, bicicletas, povo. Muitas cores. Muitos feitios. Muitas idades. Das janelas pendiam ornamentos. Foi muito apreciada a presença dos dois Prelados, sobretudo o Ex.mo Senhor D. José por causa da sua saúde. Autoridades. Muitos sacerdotes. O Seminário. Os estudantes do liceu construíram e apetrecharam duas vivendas. As ou-

tras quatro representam o zelo de sacerdotes, de professores, de vicentinos e uma da algibeira dos ex.mos Prelados.

A entrega de moradias na Gala no mesmo dia e à mesma hora, teve o mesmo significado. Não importa quantidade ou qualidade da assistência; os necessitados é que estão em causa por isso mesmo, sempre que tivermos ocasião de mais uma casa entregue, alegremo-nos no Senhor Jesus. Ninguém diga como alguns disseram, dos indigentes de certa freguesia: *se não se pode dar uma casa a cada um, não se faça para ninguém*. Quer dizer; se num incêndio ou naufrágio somente podemos salvar alguns, é melhor deixá-los morrer todos!

A Gala é um extenso e intenso povoado onde a barraca é senhora. Ouvi falar em cem delas! Estive dentro de uma de onde saíu uma família para nova residência. É um recinto de dois por dois. Dentro pai e mãe, e cinco

(Cont. na página TRES)

## SETÚBAL

Hoje reina já na nossa casa grande animação por causa da venda do nosso jornal «O Gaiato» na cidade de Setúbal.

É que indo vários vendedores ao domingo não costumavam ir muito além dos cinquenta e indo o Joaquim sozinho no último sábado, vendeu os cem.

O rapaz voltou à noite contente, mas cansado. Ele mesmo com aquele encanto e franqueza que lhe é natural conta que a cada pessoa que oferecia o jornal tinha de estar a explicar o que era isto de Casa do Gaiato, e muitos ainda assim não compravam. E que ninguém lhe ofereceu nada de comer e que teve de comprar três sandes de pão com queijo numa tasca escondida. O rapaz contou isto com tanta convicção e tanta graça que nos encantou.

O Joaquim veio há dias da Casa de Coimbra onde era um dos bons vendedores e onde deixou muitos amigos e por isso fica espantado e não compreende que toda a gente não compre o jornal.

Ele veio de pequenino para a Casa do Gaiato. A mãe, uma santa, morreu-lhe deixando cinco filhinhos, dois deles entregues à Tutoria, um ao Preventório e dois na Casa do Gaiato. O pai um alcoólico mau, abandonou-os completamente, vindo a morrer depois também abandonado.

Este Joaquim que hoje vende nas ruas de Setúbal e tem quinze anos, deu-nos muitos trabalhos ao princípio. Muito refilão, muito senhor dos bens alheios, muito zaragateiro. Hoje mudou. Basta olhar-lhe para a cara e para os olhos. A Casa do Gaiato opera estas maravilhas. Faz destes farrapos da rua, homens conscientes de amanhã.

Que o Joaquim não venha com mais queixas de que os setubalenses não lhe compram «O Gaiato».

Que ele se sinta amado como se sentia em Coimbra. E o que se diz dele, diz-se dos outros vendedores. Amai-os.

x x x

Ao lado do cuidado que temos com aqueles inocentes que abrigamos nas nossas casas, deu-nos Deus o cuidado e a graça e a paixão dos nossos irmãos pobres.

Mais do que todas as outras criaturas, os nossos irmãos pobres caídos em aflições são bem a imagem do Senhor Jesus Crucificado.

Há dias, já noite dentro, passava numa das ruas apertadas e de movimento de Setúbal. Vem ao meu encontro um pequenito, descalço e cheio de frio com uma ceira na mão, que me pede a benção.

Perguntei-lhe que andava a fazer.

(Cont. na página TRES)

## CHALES DE ORDINS

Tocou agora mesmo o telefone. Avelino estava e foi atender. Era uma senhora de Espinho que encomendara uns chales e mandou o dinheiro e vai o senhor Padre Aires manda a coisa à cobrança! Avelino depõe o auscultador e informa que este é o segundo caso! Ora o que nos vale é não sermos uma casa de negócio, porque se o fomos, desde há muito estaríamos sem freguesia, tantos os sarilhos e trapalhadas desta natureza! Com o jornal e com os livros é na mesma. Há dias chamei o Tomar e perguntei. Que me dissesse ali para eu ficar sabendo, porque é que tantos se queixam da nossa desorganização e ele replica imediatamente: *os senhores é que são uns grandes desorganizados porque, em vez de se entenderem directamente com a administração do jornal e*

*secção editora dos livros, entregam dinheiro aos vendedores e deixam dinheiro nos nossos lares e dão aos nossos padres e a todo o bicho-careta que se lhes apresenta e depois é o Tomar que as paga todas*. Ora eu calei-me. Na verdade o rapaz tem a sua razão. Por isso eu estou aqui a pedir aos que mandam fazer chales em Ordins, que se entendam directamente com o senhor Padre Aires e que não mandem mais dinheiro para nós, sobretudo por causa do senhor Padre Engenheiro, que é o primeiro esquecido de Portugal. Todos os dias perde coisas. Aqui há tempos foram os óculos. Agora foi a caixa dos ditos. Vai ao Porto aviar coisas e esquece-se de metade delas. Não admira que tenha recebido as duas remessas de dinheiro dos chales e se haja esquecido de as enviar. Mandem directamente.



Aqui é Gala.

## Os nossos Teares

Já foram aqui falados em um dos últimos números deste jornal, mas hoje torna-se; é que nós pretendemos educar esta gente pelo amor ao trabalho. Temos dois tecelões; o Manuel Jorge, que fazia noitadas pelas ruas da Figueira da Foz e o Banana, que igualmente as fazia na cidade do Porto. Aquele é mestre, este aprendiz.

Os dois teares produzem mais

do que o consumo doméstico. Queremos colocar o excedente e garantir permanência. Temos já dado carta e emprego a tipógrafos, alfaiates, pedreiros e mais. Agora são tecelões. É um verdadeiro rendimento social. Toca a todos e a cada um. O rapaz que se interessa deveras pelo trabalho, é garantia de um homem de bem. Isto significa camaradagem, boa vizinhança, família organizada, pátria engrandecida, Deus glorificado. Eis justamente o que se pede, queridos leitores, ao pedir a cada um o interesse por esta causa.

O Manuel Jorge conta peças de 30 metros, enrola, puxa e prepara tudo como nos grandes armazéns de categoria. Só falta que nos façam encomendas. Chamamos aqui pelos vicentinos de todo o país. Trata-se de um bem de dois gumes. Ficamos à espera.

\*\*\*\*\*

LEDE E PROPAGAI

«O Gaiato»

## Palestra na Emissora Nacional

HEGOU a hora de dar notícia de uma Obra que há muito trazemos no peito, a saber; um abrigo onde possam morrer cristãmente legiões de inválidos sem morada certa. Vai-se-lhe dar o nome de «Calvário». O Calvário! É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?! Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas. Nestas coisas airoosamente alegar ignorância, porquanto os diários costumam dar a notícia do homem e da mulher que agora e logo aparecem mortos nos palheiros. Não podemos, sim, alegar ignorância e se a fingimos, maior é a nossa culpa.

Parece que esta feição da vida social, tem escapado aos organizadores de hospitais. Não sabemos se em qualquer deles haja sido instalado o serviço permanente no caso dos incuráveis. O hospital tem a função de curar. Os leitos são para estes. O incurável não pode entrar e se, entrando, prova um caso sem remédio, deve ir-se embora. Esta é a doutrina pública. E nós agora podemos perguntar: Ir para onde? Para onde vai aquele desenganado sem casa, sem família, sem amigos, sem nada? Eis aqui a pergunta crucial. Por si só, condena ela, ou pelo menos, declara incompletos os grandes hospitais, onde se verifique a omissão.

O lugar escolhido para esta nova realização da Obra da Rua, é a quinta da Casa do Gaiato de Beire, a uns quinze quilómetros da de Paço de Sousa. No sítio mais indicado, elegemos dois hectares. O arquitecto riscou. Ao meio é a residência hospitalar, para casos que exijam uma maior e mais próxima assistência. Em redor, ficam as residências sistema de aldeamento, casas do «Património dos Pobres», tendo nós escolhido cinco tipos diferentes, para um total de trezentos doentes distribuídos por cinquenta vivendas.

Não há o criado. Não há verdadeiramente o enfermeiro. Procura-se tornar válido o inválido, para que esqueça e seja alegre. É uma obra de doentes, para doentes, pelos doentes. Tem-nos dado excelentemente com esta divisa nas casas do gaiato.

O mundo tende a colocar de parte aquilo que parece não prestar; um incurável é estorvo. O mundo mente. O mundo engana e engana-se. Na hora em que a chamada ciência se retira, começa o poder de Deus. O incurável é uma fortuna. Mais do que casas do gaiato. Mais do que «Património dos Pobres», esta edição nova da Obra da Rua, vai ser a sua maior riqueza. Cada doente traz consigo uma fortuna; não digo a da garantia do seu sustento, que seria muito importante, mas ele traz mais do que isso. Eles são páginas em sangue de teologia. Se hoje, milhares de portugueses e estrangeiros aparecem em nossas casas a ver o incrível, que será amanhã na quinta de Beire, onde Deus vai ser ainda mais glorificado?!

Mas ele existe também uma outra modalidade de assistência que o Calvário deseja e se propõe servir. São os convalescentes. O doente tem alta. Não permanece. A razão é sempre a mesma. Tornamos a perguntar; para onde vai? O Calvário espera-os. Será mesmo um ponto reconfortante para os que estiverem à frente; podem verificar dia a dia um perfeito rejuvenescer. Observar a carne e o sangue. Ser testemunha de vista de reintegrações na vida social; e meditar que, se não fora a Obra, aquele doente curado, breve tornaria ao seu mal e até viria a morrer. Toda esta riqueza estava até agora escondida e vai aparecer na obra que Deus inspirou. Muitos doentes hão-de ter ocasião de afirmar com verdade que, não fora a existência de calvários e eles teriam morrido de penúria.

O êxito de uma obra assim não se discute. Não há homem de bem que possa duvidar. Não tem bases para isso; só por ignorância. Primeiramente, temos a oração dos homens. Além da dor que consome incuráveis e convalescentes, existe outra ainda maior: é a dos que lhes não podem valer, a começar pelos próprios médicos e pessoal hospitalar. Além destes, temos os que escutam as queixas dos arrastados. Os que lêem casos nos jornais. Os que não têm tempo para isso, mas ouvem falar. É o sentimento humano. A consciência da nossa semelhança com os outros. O conhecimento de Deus, pelo conhecimento dos homens. Sim. Ninguém duvide do seu êxito. Tal como o Património dos Pobres, que parece não haver já em Portugal sítio de vago onde erguer mais casas, também agora o Calvário vai ser o caso do dia. Noutras vilas, noutras aldeias, noutras cidades. Abram-se casas desta natureza, para que os jornais não continuem a dar a triste notícia do abandonado que cai nos caminhos por não ter onde morrer. Mas há ainda outra razão mais subida do seu formidável êxito, e esta não pode falhar; é a vontade de Deus. Ele quer que os homens se salvem e eles só o podem realizar amando.

Este é o mandamento. Ora os «Calvários» são o sítio onde os homens podem amar o seu semelhante como a si mesmo.

Estamos em frente de uma empresa onde o dinheiro é preciso. Muito dinheiro. Milhares. Mas isso não pode ser obstáculo. Nem para a construção nem para a manutenção de centenas de doentes. Nada disto é objecto de receio ou dúvidas. Os obreiros do Evangelho não põem a questão. Eles têm de caminhar por sobre as ondas, ainda quando a tempestade se forme no espírito dos homens, que são as mais difíceis de acalmar. Não podem por um momento confessar medo. Não podem duvidar. Uma vez que sentem a urgência da Obra e ouvem a palavra do Mestre, fecham os olhos, mergulham e realizam o impossível. Eis.

## A fome dos que têm pão

Muitos não tomaram ainda consciência das suas responsabilidades, no campo da caridade. É pela Graça de Deus que rezamos o Pai Nosso. Temos que o viver, a começar pela primeira palavra. Só da boca dos filhos sai a doce palavra *Pai*. Somos, pois, filhos de Deus. Renascemos para uma vida nova, a da graça santificante, nas águas lustrais do baptismo. Somos, então, irmãos uns dos outros, o sábio do ignorante, o rico do pobre, o santo do pecador, o alegre do triste. Nesta *Família Divina* o verbo *dar-se* é o verbo da paixão e, depois, da acção. É o verbo cotidiano. Amar não é às prestações. Supõe uma entrega total. Mas isto exige sofrimento, paixão, compaixão. *Chorar com os que choram*, para depois enxugar as suas lágrimas. *Que Deus,* escreve o Padre Pedro, *dê fome aos que têm pão, i. é, faça sentir aos que não têm fome o que significa ter fome, para que, talvez só nesse dia, compreendam o dever de verdadeiramente dar pão a quem tem fome.* Os corações de pedra não servem para nada. Só pisam. Só esmagam. Só matam. E o Senhor ensina-nos a respeitar até a cana rachada e a torcida que ainda fumea... Coisa impossível para quem tem uma pedra no peito.

As obras de misericórdia têm de ser praticadas por todos os cristãos e não basta, neste ponto, proceder de qualquer modo, mas com inteligência e organização.

Todos concordam em que o padre, nomeadamente com cura de almas, devê ser o Amigo, o Pai dos Pobres. Apontam-se, até, sacerdotes, modelo de outros sacerdotes: *se todos os padres fossem como o padre F....* A caridade não é privilégio, nem obrigação exclusiva do sacerdote.

Ganhou raízes em todos nós no dia do baptismo. Nasceu, então, a obrigação. Por isso, diante

da miséria, não podem os cristãos portar-se como espectadores.

Felizmente vai sendo cada vez mais numeroso o clero paroquial que, em moldes actuais, procura fazer assistência e caridade aos seus pobres. O caminho é longo mas muitos já começaram. Seria injustiça não reconhecê-lo.

Compete aos fiéis prestar a sua colaboração pronta e desinteressada, secundar e obedecer àquele que na Paróquia representa a Igreja. A Paróquia é uma comunidade viva e operante, em marcha para o amor. Viva, possuindo a graça de Deus, recebida no Baptismo, que se procura desenvolver, sobretudo, pela vida sacramental. Operante, manifestando-se pela caridade espiritual e material, convenientemente organizada. A graça santificante é Amor. Os sacramentos são Amor. Mas este amor arrisca-se a não existir dentro do cristão, se não é operante, se não se manifesta aos outros homens em obras também de Amor, as Obras de Misericórdia. Cristo na alma—Cristo nas mãos, eis a equação dum cristão. O mundo há-de acreditar na nossa Fé, quando vir a nossa Caridade. *Vede como eles se amam* deverá ser dito de nós, a exemplo dos primeiros cristãos. As principais obras de Misericórdia são 14 e julgam muitos que é só dar esmola... (E já ficam todos contentes, quando sacam do bolso um tostãozinho...). *Tudo é possível a quem ama.* Amar em todos os tempos e modos é amar. E, quando se ama Cristo no Pobre não nos poupamos a nada, para ajudarmos a resolver todos os seus problemas.

x x x x

Os chales de Ordins têm sido muito procurados. Encomendas sobre encomendas. E mais teriamos, se satisfizéssemos os pedidos

## AGORA

Uma senhora deu o nome no Banco Espírito Santo, deixou ficar doze contos e saiu pela porta fora. É uma casa. Não está interessada no local onde deve ser construída. Não indica determinada família que a venha a habitar. Dá sem condições. Esta maneira de dar casas ao Património dos Pobres, facilita a nossa acção. Dá-nos liberdade. Podemos pôr e dispôr; e nem sempre assim é. Tem acontecido e é frequente acontecer ofertas de dinheiro para construir casas em determinada região. Esta semana foi uma carta do Congo Belga e outra carta de Anadia. Em ambas se falava de duas casas, vinte e quatro contos cada uma, com sítio designado. Ora isto dá-nos por um lado, muita alegria. Nota-se que o amor do próximo não está totalmente arrefecido. Há a inquietação de muitos a favor de muitos. Mas por outro lado, dá-nos tristeza porquanto não podemos realizar o desejo de quem oferece. Falta-nos jurisdição. É preciso que haja o homem na freguesia indicada e isto nem sempre acontece. Não há a maioria. Não

há sequer um grande número que se importe e daqui nasce vir a ficar estéril o desejo que nasceu um dia na alma de quem pretende enriquecer a sua freguesia. O bairrismo é uma coisa absolutamente aceitável. Ninguém pode levar a mal que um desejo ver a sua terra grande. Mas desde que ali não apareça colaboração, é mais perfeito construir não importa aonde, isto devido à natureza destas construções. Mais do que bairrismo importa-nos a Comunicação dos Santos, que é um artigo de fé. Oferecer uma casa sem condições é a melhor condição. Ficas com ela no teu activo. Recebes abundantemente sem saber como, nem de onde, nem de quem — mas recebes. Nós todos precisamos de ter a candeia munida quando chegar o Esposo e é por esta forma que a gente se previne. Ora nós esperamos que todos aceitem esta doutrina e cumpram. Podendo ser em sua terra natal, sim. Mas que seja em qualquer outra, não havendo lá quem. O que nós desejamos é que a casa vá ao encontro do mendigo, onde quer que ele esteja.

com prontidão, pois não há melhor propagandista dos chales de Ordins, que os próprios. A fábrica tem aviado com lentidão as nossas encomendas de lã, e daí o nosso atrazo. Se tivéssemos 10 contos disponíveis, não se daria nada disto. Somos pobres a tratar de pobres, sendo todos os descontos, todos os ganhos para eles.

Mais um Gaiato que, indo ser padrinho, quer um de 60\$, fala do *alcançe social enorme desta obra*. Recebeu-se 200\$ para a Mãe dos seminaristas. Braga encomenda um dos grandes. Vila da Rua, idem, bem como um de 90\$ e dois de 60\$. Muito se espera desta senhora. Conhecendo os nossos chales e o que eles representam de caridade e assistência, atesta que a obra é *recomendável sob todos os pontos de vista*. Que melhor atestado! Alijó 6, sendo 2 de cada tamanho. Para correio 30\$. Odivelas um dos pequenos. Porto um dos grandes. Aveiro 70\$ para um de 60. *Que Deus vos ajude em tão sublime missão*. Agora é um pedido da África. Nunca sonhara que voassem tão longe os chales de Ordins nas asas da fama. É Lourenço Marques com o *coração pertíssimo do nosso Portugal* a pedir um de 90 com 100\$. Achar o artigo «Indústrias Caseiras» humaníssimo. Mais um de 60. Gaia dois de 90\$. Porto um de 60. S. João da Madeira um médio. Carviçais envia 230\$ para dois grandes. Associa-se assim a esta campanha *tão humana e tão cristã*. A Cantina da Polícia de Segurança Pública de Coimbra, colaborando connosco, encomenda 3 de 110, um médio e um de 60. A Conferência Vicentina de Souto da Carlhosa, colaborando também, faz-nos uma segunda encomenda de 4 dos grandes. Uma Religiosa do Sanatório de Celas, Coimbra, envia 100\$ para um de 90. *Faréi o possível por pedir mais chales, já hoje falei neles*. Paço de Sousa vem pelo segundo. O chale branco está muito amoroso, mas só o uso em dias mais que tais. Por isso quer mais um castanho. A propagandista de Vilar do Pinheiro vem por mais 4 de 90 e um de 110. Não contente com o fogo que espalha à sua volta, vai lançá-lo à Escola Normal de Viseu. Lisboa um de cada tamanho e envia 442\$, sendo o magnífico excedente para a Conferência. Pontével vem com 750\$ para um grande, 6 médios e um pequeno. A propagandista de S. Pedro do Sul envia 100\$ para mais um de 90. Lisboa, idem. De novo, Lisboa com um dos grandes. Agora, Amarante. É uma Religiosa com 70\$ para um de 60. Será propagandista pela certa. Porto 9, sendo 3 de cada tamanho. Valado dos Frades, Coimbra e Lisboa um dos pequenos.

Nos pedidos, indicar uma segunda côr, no caso da primeira se ter esgotado. Pedir branco, *beije* castanho claro e escuro, cardinal, azul marinho e preto. Pura lã sem fioco. Para haver uniformidade, não perder tanto tempo e fazer despesas desnecessárias, roga-se o favor de, ao fazer a encomenda, se enviar a respectiva importância para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Lagares (Douro) — correio de Paço de Sousa.

Padre Aires



